

BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
DE
SARDOAL



Revista bimestral

O QUE FOMOS ... e O QUE SOMOS!

Fadado para levar a sua cristã a uma grande parte da Terra e, desde gigantesco feito recolher a glória de "lar nos mundos ao mundo", é curioso notar como o génio português e todas as suas aspirações (ainda mesmo aquelas que, de algum modo, possam aparentar meras superficialidades) visaram preferencialmente a uma aculturação civilizacional dos novos povos, em muito maior grau, na verdade, do que ao domínio em termos de exploração económica e mercantilista.

Com efeito, desde sempre uma grande preocupação dos nossos maiores, desde reis a fidalgos, dos missionários aos mais simples plebeus, fora a de tornar Portugal um país diferente para melhor, fazer algo de novo e original em todos os campos, inclusive na grande área da expansão e desbravamento dos novos territórios descobertos - de modo a que excedesse e sobrelevasse tudo o que pudesse entender-se como simples cópia ou decalque de sistemas já seguidos por outros povos.

Esses nossos antepassados bem se esforçaram, com efeito, por que os seus privilégios fossem os mais altos, os seus homens os de maior renome, os seus mestres os luzeiros da terra. E o certo é que em boa parte o conseguiram. A sua Universidade (então, a de Coimbra) assumiu-se como um dos mais brilhantes fachos da cultura europeia; a sua Patriarcal foi a mais rica de privilégios em toda a cristandade; os seus argonautas e missionários não os conheceu melhores nenhuma outra nação do orbe; as suas obras de arte, plenas de riqueza e originalidade, não recebem confronto em variedade e valor; a sua organização social, com uma rede imensa no campo da beneficência (confrarias, irmandades, corporações, misericórdias) através de todo o território e espalhando-se pelas mil parcerias do além-mar, foi, sem contestação, a mais rica e variada de todos os povos da Europa; finalmente, a sua unidade espiritual e linguística atingiu o máximo da perfeição.

E tudo isto brotou e emergiu do nosso próprio génio nacional, caldeado, desde sempre, no seu âmago, por uma forte e generosa inspiração cristã. E tudo isto nós espalhámos generosamente pelo mundo!

Em ligeiro parêntesis poderá aqui entrosar-se, sem quebra de ritmo, a singularidade de um apontamento lateral: -aquela famosíssima embaixada que, num gesto de esplendente magnificência, o nosso D. Manuel I mandou a Roma, se a olharmos em si mesma, apenas pela sua opulenta exterioridade, talvez nos surja como uma loucura de perculários; não obstante, tomada como símbolo do nosso génio universalista, tão copiosa e heroicamente derramado pelas cinco partes do mundo, não teria chegado, decerto, a atingir uma devida e proporcionada grandeza representativa!

Infelizmente, porém, não muitos séculos transcurros, ainda, invadidos que entretanto fomos pela tarântula da subserviente imitação do estrangeiro e perdido ou deslassado, já, o rumo que dera norte à grandeza da vocação lusitana, desatámos a achar tudo isto inferior: a detestar quanto era bem caracteristicamente português; a deixar morrer ou destruir o que vinha do nosso passado; a fundar unidade espiritual que fizera desta pequena nação um grande farol luminoso que abria novas clareiras ao mundo, começámos a chamar tirania; a própria unidade linguística, factor tão grande e tão poderoso de miscigenação, pareceu-nos monótona - e, então, introduzimos como sinal de elegância o uso e abuso de enxertos estranhos e espúrios (que nos dias de hoje, por exemplo, se estão a acentuar gravosamente na acção corrente da sintaxe anómala e estropiada do linguajar telenovelesco); à riqueza da fé católica, que fora a selva da nossa vitalidade social e moral, chamámos atraso e pobreza mental; quanto à originalidade e superioridade das nossas instituições, apelidamo-las de exotismos e velharias!

Nesta tarefa iconoclasta se consumiram uns tantos políticos, literatos e historiadores dos finais do último século e do que está correndo - e, mais recentemente, também, alguns pseudolibertadores assanhados, emergindo à tona e oportunisticamente do vinte-e-cinco barra setenta-e-quatro.

E, a título de introduzirmos civilização e progresso (!) entrámos de importar, então, verdadeiras estrangeirices para o nosso génio nacional e a pretender aclimatar sistemas e instituições inferiores em substituição das nossas, portuguesíssimas por índole e avantajosamente superiores em merecimento.

Por esta forma nos temos ido deixando invadir e comandar pelo estrangeiro, na religião, nas letras, nas artes, na política, perdendo a nossa autonomia moral e concitando o olhar desconfiado e suspeitoso de muitas nações do fórum internacional.

(Continua na última página)

DEZ MANDAMENTOS SOBRE CONVÍVIO E RELAÇÕES HUMANAS,

Cumprimente! Nada mais agradável do que um cumprimento cortez.

Sorria! São necessários (dizem os médicos) dezenas de músculos para franzir a testa e para mostrar má cara; bastam catorze para sorrir.

Chame as pessoas pelos próprios nomes! A música mais agradável, ao ouvido de quem quer que seja, é a que resulta do som do nosso nome falado.

Seja amigo e cooperador! Proceda assim se deseja ampliar as suas relações de amizade.

Seja cordial! Fale e actue como se cada coisa que faz, para os outros e pelos outros, lhe proporcionasse prazer.

Interesse-se, no bom sentido, pelo próximo! Devemos viver, nestas ópticas e ética, pondo o nosso egoísmo de parte.

Seja generoso e moderado! A nossa opinião e crítica poderá levar-nos àquela maneira de ser.

Seja cuidadoso na sua opinião! Há um ponderável, multiplicado por três, que acompanha, sempre, uma discussão: a nossa opinião, a dos outros e a correcta. Não esqueça isto!

Esteja sempre pronto para ajudar! O que mais conta, na vida, é o que fazemos, a bem e por bem, pelos outros.

Controle-se! Perante situações delicadas, pense dez vezes antes de falar e outras tantas de agir.

● N. Madeira

NÃO SABIA?!...

Conquanto por dificuldades de espaço este nº do "Boletim" não possa registar a habitual secção "Breves notícias" deverá referir-se, não obstante, que no ano pretérito (1991) as actividades sociocaritativas da nossa Santa Casa aumentaram de forma substancial. Com efeito, são cada vez mais numerosos os casos de extrema necessidade que vêm bater à nossa porta. Tenha-se presente que a população do concelho "vai envelhecendo", a olhos vistos, já pelas grandes baixas na taxa da natalidade já pelo êxodo da maioria da gente válida, rumo aos grandes centros!

PRIMEIROS SOCORROS

● Em certos casos qualquer pessoa poderá ter que aplicar medidas de primeiros socorros, mas isso só para evitar uma morte certa.

	Para evitar que um ferido perca sangue até morrer. (Evitar uma hemorragia).	Para socorrer pessoas com grandes queimaduras.	Para ajudar a prevenir a perigosa condição chamada «estado de choque».	Para prevenir a sufocação.	Para evitar piores males resultantes de fracturas.
SEMPRE	<i>Rosto pálido — perda de sangue. As hemorragias mais perigosas são as em que o sangue perdido é vermelho e brilhante — artéria cortada.</i>	<i>Rosto pálido — efeitos extensos de queimaduras.</i>	<i>Pele pálida, fria e húmida. Pulso rápido (100 pulsações por m.). Transpiração e suor em alguns casos.</i>	<i>Lábios e dedos roxos. Tosse e dificuldades respiratórias.</i>	<i>Membranas em posições anormais. — Ossos à vista. — Certos «volumes» anormais na pele.</i>
ATENÇÃO	<p>— Rasgue o vestuário somente no local necessário, não toque nem desinfecte o ferimento.</p> <p>— Aquiete a vítima deitando-a.</p> <p>— Se não conhecer o essencial de anatomia circulatória, comprima um «tampão» feito de um lenço, toalha, lençol, etc., sobre a ferida.</p> <p><i>O essencial é parar a hemorragia mesmo com um pano sujo.</i></p> <p>— As vítimas de hemorragias abdominais não se deve dar qualquer líquido a beber.</p> <p>— Se souber aplique um torniquete nos casos adequados. LEMBRE-SE. QUE O ESSENCIAL É PARAR A HEMORRAGIA.</p>	<p>— <i>Há mais coisas a não fazer do que a fazer.</i></p> <p>— Não aplique água ou gorduras.</p> <p>— Aquiete o paciente, deitando-o.</p> <p>— Não limpe as queimaduras.</p> <p>— Tape as queimaduras do ar, com um penso seco; improvise-o do que tiver à mão.</p> <p>— Dê bastantes líquidos ao doente não (álcool), mas não se ele estiver em estado de «choque» ou se isso o fizer vomitar.</p>	<p>— Deite o doente e embrulhe-o em qualquer coisa que o aqueça.</p> <p>— <i>Evite emoções ao doente.</i></p> <p>— Ponha a cabeça da vítima ao mesmo nível ou mais baixa que o corpo.</p> <p>— Se a vítima puder beber dê-lhe uma solução de</p> <p style="text-align: center;"><i>Bicarbonato</i> <i>de Sódio</i> <i>Água</i></p> <p>1 colher Meia 1,136 lit. de chá colher de chá</p> <p>Dê esta solução na quantidade máxima que o doente suportar.</p> <p>— Não dê nada por via oral quando a vítima estiver inconsciente ou com vômitos pois pode sufocá-la.</p>	<p>— Elimine o motivo da sufocação (quarto com gás, vapores, etc.).</p> <p>— Deite o doente de barriga para baixo e volte-lhe a cara para um lado.</p> <p>— Procure tirar-lhe qualquer coisa da boca ou da garganta que produza sufocação (use os dedos).</p> <p>— Se souber aplique respiração artificial.</p>	<p>— Não tente acertar o osso partido.</p> <p>— Não comprima as partes dos ossos à superfície.</p> <p>— Evite tocar nas fracturas até chegar o médico.</p> <p>— Evite maiores complicações e a entrada em estado de «choque».</p> <p>— Em caso de absoluta necessidade, use talas improvisadas.</p> <p>— Não aperte demasiadamente o corpo às talas para não paralisar a circulação.</p> <p>— Não toque em vítimas de fractura de pescoço ou coluna vertebral a não ser para evitar que se queimem ou asfixiem e nestes casos proceda com o máximo cuidado.</p>

O QUE FOMOS ... e O QUE SOMOS!

(Conclusão da 1.ª página)

Para nos reabilitarmos é bem preciso sacudir de vez este servilismo degradante que nos últimos cem anos alguns compatriotas nossos, de má memória, nos vêm querendo impor — e retornar às fontes puras do nosso génio nacional, retomando a vocação histórica própria, à luz do espírito universalista e cristão que a inspirou.

É mister que possamos voltar ater de novo uma palavra própria, autorizada e sensata nos destinos do mundo e, paralelamente, na defesa da civilização cristã ocidental, que tanto nos ficou devendo no passado e muito pode esperar, ainda, do esforço português no presente e no futuro.

Esforço ingente e dedicado, esse, que desde há tempos está a ser levado a cabo com arfanosa dignidade e abnegado patriotismo, tanto pelos condutores políticos que nos regem como por outros serios responsáveis dos nossos destinos socioculturais.

Teremos de lhes assegurar, por isso, com toda a veemência o sincero apoio do nosso entusiasmo nessa sua tão sublime gesta histórica e providencial, que procura ressarcir-nos das marcas tão desacreditadoras e antipatrióticas com que uns tantos maus portugueses nos foram denegrindo e atraíndo — inelutavelmente, ainda, em épocas bem pouco afastadas...

■ SILVIO FERNANDES

ÚNICA RAZÃO

Alguns Irmãos da Misericórdia bem como outros leitores, em geral manifestaram certa estranheza por há certo tempo não vir a público o "Boletim da Misericórdia" — e qui seram saber, mesmo, se havia cessado a sua publicação.

Ora, o que aconteceu foi, apenas e simplesmente, uma "pausa no trabalho". Efectivamente, em publicação ininterrupta há mais de 8 anos (embora, mesmo, com certa irregularidade, às vezes) apenas teve um ou outro período de impasse logo de pronto ultrapassado.

Desta vez havia necessidade, porém, de um espaço maior para "recuperação" — e análise, também, do trabalho que se levou a cabo nesta caminhada.

Voltaremos, a partir de agora, a um contacto regular.

Deverá ter-se em conta, no entanto, que a saída será bimestral.

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia • RUA SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707 88